

SEMANA DA CIDADANIA

2022



TEMA: O golpe da
independência:
200 anos de luta
pela decolonialidade

Polo S

ILUMINAÇÃO BÍBLICA

Êxodo 3,7-44



S.34°41'
W56°9'

Ecuador.

516 43

LEMA: decolonializar é preciso!

Realização:



SEMANA DA CIDADANIA

2022

17 a 24 de abril de 2022

TEMA:

O golpe da Independência: 200 anos na luta pela decolonialidade.

LEMA:

Decolonializar é preciso!

ILUMINAÇÃO BÍBLICA:

“Certamente tenho observado a opressão e a miséria sobre meu povo e tenho ouvido seu clamor, por causa dos seus feitores, e sei o quanto estão padecendo.”

(Êxodo 3, 7-14)

**PASTORAL DA JUVENTUDE DO MEIO POPULAR – PJMP
PASTORAL DA JUVENTUDES ESTUDANTIL – PJE
PASTORAL DA JUVENTUDE RURAL – PJR
PASTORAL DA JUVENTUDE - PJ**



CRÉDITOS:

FILIFE XAVIER

Secretário nacional da
Pastoral da Juventude do Meio Popular – PJMP

MICHELLE GONÇALVES

Secretária Nacional da
Pastoral da Juventude – PJ

ANA CAROLINA SOARES

Assessora Nacional da
Pastoral da Juventude Estudantil - PJE

JOSÉ DIONES LOPES

Secretário Nacional da
Pastoral da Juventude Rural - PJR

EQUIPE DE ELABORAÇÃO E PRODUÇÃO

Felipe Xavier-PJMP; Michelle Gonçalves-PJ; Aldiceia Costa-PJ;
Paula Cervelin Grassi-PJ; Ana Carolina Soares-PJE; Edneide Elisbão-PJR;
José Diones Lopes-PJR; Josiel Alves Ventura-PJR.

EQUIPE DE REVISÃO

Coordenação da 6ª Semana Social Brasileira.

EQUIPE DE DIAGRAMAÇÃO / ILUSTRAÇÃO / CARTAZ

Thiago Lemos - PJ Norte 1

APRESENTAÇÃO

*“O olho vê,
a lembrança revê
e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo”.*
Manoel de Barros

As Pastorais da Juventude colocam a ousadia e as capacidades de organizar os sonhos em uma dimensão ainda mais necessária e geradora de esperanças em terrenos de extrema aridez, desassossego e perdas. Muitas perdas! Direitos, pessoas, meio ambiente, democracia, liberdade de imprensa e de manifestação, recursos públicos e ética no compromisso social. São estes historicamente, porém aprofundados agora, os retrocessos e violações que apontam a emergência de encantar a política e por consequência a o pleno exercício da cidadania para que as mesmas saiam do plano das utopias afastadas das realidades cotidianas.

Esta Semana da Cidadania tem em si uma profecia estimulante, mobilizadora e desestabilizadora. É uma reflexão que nos convoca a descolonizar os pensamentos, os corpos, as metodologias, a fé e as relações para o alcance de um modo de integralidade Latino-americana. É uma tomada de consciência que exigem coragem para mudanças profundas, rupturas necessárias e pontes a serem construídas.

As práticas descolonizadoras que fluem na contramão da ordem da usurpação devem mobilizar para uma pergunta central: que papéis desempenham as relações sociais nesse processo? As veias da América Latina seguem abertas, jorrando histórias de apropriação das potencialidades sociais, culturais, econômicas e religiosas deste continente. Por outro lado, qualifica e expõem as resistências populares na incansável tarefa de reconstruir a dimensão sociopolítica e transformadora, missão do compromisso diário e enraizado no Reino de Deus, no Bem Viver dos Povos, iniciado por Jesus e continuado por nós.

Com o coração e corpo entregues a gratidão apresento este material que chega com o acúmulo de 26 anos de reflexões e aprendizados. Que este mutirão das juventudes siga semeando sementes de esperar.

Uma boa e plena Semana da Cidadania.

Alessandra Miranda
6ª SEMANA SOCIAL BRASILEIRA

O que é a semana da cidadania?

A Semana da Cidadania reafirma a dimensão sócio-política de nossa fé. É parte do fundamental processo de formação integral, promovido pelas Pastorais da Juventude do Brasil (PJMP, PJ, PJR e PJE). Ela é uma das atividades permanentes das PJs e ação oficial da Igreja no Brasil.

É uma das diversas formas de expressão do discipulado missionário e sinodal de milhares de grupos de jovens e militantes das PJs, organizados como Igreja nas comunidades, nas escolas, nos meios populares e nas comunidades rurais. É uma prática profética, de anúncio do Evangélico de vida plena, e denúncia dos sinais de morte que tocam as juventudes, denúncia das injustiças sociais e daquilo que não faz parte do projeto do Reino de Deus.

O QUE É CIDADANIA?

A palavra cidadania, vinda do latim civitas (cidade), já está bem incorporada em nosso vocabulário. Ela é usada para designar uma cidadania formal, isto é, pertencimento a um território, nacionalidade (somos cidadãos/ãs brasileiros/as); ou para se referir ao conjunto de direitos (civis, políticos, sociais) de cada pessoa/grupo. A concepção mais comum de cidadania é, portanto, o conjunto de direitos da pessoa que vive em sociedade. Mais do que isso, a cidadania é o exercício desses direitos, culminando em participação plena na vida social. Fala-se também em deveres, para se referir às implicações e responsabilidades da vida em sociedade.

A cidadania pode ser entendida também como um processo longo e permanente de conquista de direitos. É só lembrarmos que, quando surgiu a ideia de cidadania (ainda na Idade Antiga), somente homens, proprietários de terras e adultos eram considerados cidadãos. Foram necessários muitos séculos para que mulheres, pobres, estrangeiros, crianças e jovens acessassem os mesmos direitos, mesmo que só formalmente. Está ainda em curso a história

de construção e ampliação destes direitos a toda população, no Brasil e no mundo. E a participação popular foi sempre decisiva para a ampliação e o acesso aos direitos civis, políticos e sociais. Por isso, é importante lembrar que a cidadania plena só se realiza se for combinada com democracia, direitos, igualdade social, justiça e participação popular.

Em nossa história notamos um avanço considerável de acesso a direitos, graças às lutas dos movimentos sociais, das Igrejas e dos diversos grupos, mas, sobretudo por causa das desigualdades sociais, ainda temos muito que fazer para que nossa cidadania não seja apenas formal, mas efetiva/substantiva, isto é, para que todos/as possam exercer plenamente seus direitos, para que os direitos conquistados não sejam retirados e para que todos/as tenham vida plena.

PARA QUE REALIZAR SEMANA DA CIDADANIA?

É o caráter permanente da construção de nossa cidadania que faz com que a SdC seja sempre tão importante. Ela não é uma semana para exercermos a cidadania, pois esta, como vimos, é vivida e construída no cotidiano. Ela é um evento, dentro de um processo, que nos ajuda a:

- 1.** Fazer memória e celebrar a luta histórica dos jovens e de todo o povo na construção dos direitos;
- 2.** Fortalecer/organizar o processo de construção e garantia de direitos, articulando forças com outros grupos, movimentos, Igrejas, em torno do projeto de sociedade que sonhamos e em defesa da vida dos/as jovens;
- 3.** Criar oportunidade para debater com os/as jovens os temas da cidadania, dos direitos, sobretudo os que dizem respeito à vida da juventude, por meio de atividades de formação, mobilização, campanhas, etc.;
- 4.** Criar oportunidade para dialogar com o poder público e outros órgãos e instituições em vista da efetivação de direitos juvenis e de políticas públicas para este público.

A Semana da Cidadania constitui parte de nosso compromisso apostólico de anunciar e construir vida plena. É um espaço para a convocação de novos grupos de jovens e para despertar para a vida comunitária e é nossa oportunidade, como jovens, de compor a história da construção dos nossos direitos.

Fazer memória é uma característica importante das seguidoras e seguidores de Jesus, pois a memória agradecida, reafirma a esperança e nos situa no tempo histórico e na importância das nossas lutas. É importante lembrar os temas e a profecia histórica das PJs em cada Semana da Cidadania, desde de 1996 até aqui...

HISTÓRICO DA SEMANA DA CIDADANIA

- 1996** – Você não vai ficar de fora! Faça seu título e vote consciente
- 1997** – Um grito por liberdade!
- 1998** – Democracia: exercício de liberdade!
- 1999** – Desemprego: Juventude sem sonho, país sem futuro!
- 2000** – Sem essa de exclusão! Jovem, agora são outros 500.
- 2001** – Vida que te quero viva!
- 2002** – Animemos a Esperança. Construamos a Paz. Direito de ser diferente
- 2003** – É preciso saber viver
- 2004** – América Latina: construindo a democracia como bem-comum
- 2005** – O Brasil que a Juventude quer
- 2006** – Quero Vida, quero Liberdade
- 2007** – Espaço de Vida. Tempo de Direitos!
- 2008** – Empobrecimento Social da Juventude
- 2009** – Temos que gritar! | Lema: É a juventude em marcha contra a violência!
- 2010** – “Trabalho para a vida, não para a morte” | Lema “Juventude, suando e sonhando, em marcha contra a violência”
- 2011** – “Juventude, terra viva” | Lema: “Da mãe terra, esperança e resistência”.

2012 – Juventude e saúde alimentar. | Lema: É preciso ter certeza do que se põe na mesa

2013 – Vidas pela Vida. | Lema: Pastorais da Juventude contra a redução da maioridade penal.

2014 – Juventude na Luta por Reforma Política. | Lema: É hora de transformar o que não dá mais.

2015 – Juventude, Mídia e Sociedade. | Lema: A nossa comunicação seja azeite perfumado pela dor e vinho bom pela alegria (Papa Francisco)

2016 – Juventude e Bem Comum: Terra, Teto e Trabalho. | Lema: Unidos/as por uma luta comum: Terra, Teto e Trabalho

2017 – Democracia, para quem e para quê? | Lema: Todo poder emana do povo (Art. 1º, Parágrafo, CF/88)

2018 – Mulheres, é hora de transformar o que não dá mais! | Lema: Essa ciranda não é minha só, ela é de todas/os nós!

2019 – Políticas Públicas: luta e resistência pela vida das juventudes. | Lema: “Quem resiste, insiste no front, quer ver novo horizonte se levantar” (música Outrora e Agora – O Teatro Mágico).

2020 – Juventude e Ecologia Integral: em defesa da vida plena. | Lema: A defesa da terra é a defesa da água, é a defesa da vida. (Papa Francisco)

2021- Juventudes e a luta pela NÃO precarização do trabalho, em defesa de uma vida digna. /Lema: “No ventre de Maria, o verbo se fez carne, mas na oficina de José, o verbo se fez classe.” (Dom Pedro Casaldáliga).

Ao fazer memória desses temas, observamos o quanto as PJs sempre foram e são um rosto jovem da igreja radicalmente comprometido com as diversas realidades e a luta dos e das pobres. Essa profecia e coragem são sinais profundos da opção preferencial que a Igreja na América Latina faz e que as PJs vivem integralmente.

Nos conte: O que você sente ao fazer essa memória?

Que os outros temas urgentes são importantes que as PJs trabalhem? Nos enviem sugestões nos e-mails que estão na última página deste subsídio.



atividades permanentes 2022

Todos os anos as Pastorais da Juventude (PJ, PJMP, PJE e PJR) realizam duas Atividades Permanentes, que são parte de sua ação no cuidado com a vida da juventude, ao modo de Jesus de Nazaré, e do processo de formação integral que desenvolvem com os/as sujeitos jovens. A Semana da Cidadania (SdC) e a Semana do Estudante (SdE), são realizadas como um processo, por isso são organizadas a partir do planejamento das ações das Pastorais no ano e têm os/as jovens como protagonistas.

São realizadas em sintonia com a Campanha da Fraternidade, com o Documento 85 da CNBB – Evangelização da Juventude, com o Projeto IDE da CEPJ, com as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil, com o Documento do CELAM – Civilização do Amor: projeto e missão, com o DoCat e com o Documento final do Sínodo dos Bispos sobre juventudes.

As Atividades Permanentes ajudam a compor a agenda, com as motivações e os desafios importantes para as ações pastorais com/dos jovens, no ano. Elas são espaços e oportunidades de formação, conscientização e mobilização.

Em 2022, as Atividades Permanentes apresentam várias formas de estar com Jesus de Nazaré. Neste caso, encontrar com Ele é também encontrar com a comunidade, com o grupo, com a família, com a cultura, com a religião, com as dores do povo, do nosso continente, do planeta, com as lutas, as conquistas e os sonhos dos/as jovens.

Passados dois anos desde o início da pandemia, escrevemos esse material em sintonia com todas as famílias enlutadas. A elas, toda nossa solidariedade e orações.

A construção desse material também está habitada de esperança, pois com o avanço da vacinação e a queda no número de óbitos pela Covid, já vislumbramos em vários estados o retorno das atividades presenciais dos grupos de jovens. Isso nos alegra

imensamente, pois somos o povo do afeto palpável, do carinho, da cultura do encontro.

Este ano, trazemos nosso tema em sintonia com o Grito dos Excluídos, problematizando e discutindo sobre os 200 anos da Independência. Trazemos aqui diversos textos formativos sobre a temática, queremos propor uma reflexão amadurecida e cuidadosa sobre o assunto. Ao final de cada texto, indicamos músicas, livros e filmes para ajudarem a aprofundar a temática.

Os textos nos ajudam a entender melhor alguns aspectos do tema e podem ser usados em conjunto com outros materiais aos quais tenhamos acesso. Para que a SdC cumpra seus objetivos e seja oportunidade de formação e mobilização, é necessário planejar com antecedência e cuidado as atividades. Podemos começar pelo estudo deste material e de outros que possam nos inteirar do tema, formar parcerias, planejar, realizar e avaliar as atividades e ações.

Esperamos que cada página inquiete e sacuda cada um e cada uma com a certeza da urgência da construção de uma sociedade cada vez mais justa, livre e possível para todas as pessoas.



decolonializar é preciso

Pe. Alfredo J. Gonçalves, cs

(Grito dos Excluídos, 2022)

O Brasil completa dois séculos de independência em 7 de setembro de 2022! Motivo de celebração, de resistência ou de luta? Talvez seja mais acertado falar de uma mistura das três coisas ao mesmo tempo. Há avanços socioeconômicos e político-culturais a serem celebrados; há um patrimônio de valores, com diferentes saberes e sabores, a ser preservado com resiliência; e há situações análogas à escravidão diante das quais se faz necessário um combate sem trégua. Especialmente nos dias atuais, com o sistemático desmonte das políticas públicas por parte do atual governo, merecem uma atenção particular aos pobres: povos indígenas, comunidades quilombolas, desempregados/as e migrantes, além de muitos outros grupos, categorias e situações vítimas da indiferença, do descaso e do abandono por parte das autoridades.

Disso decorre a gigantesca tarefa da decolonialização. Tarefa simultaneamente pessoal e conjunta. Nela, não basta lutar contra o colonialismo, sua barbárie e suas implicações. Torna-se necessário, também, depurar e purificar a sociedade, a política e a cultura de todo e qualquer resíduo de racismo e autoritarismo, de preconceito e discriminação, de xenofobia e supremacismo. Se é verdade que o caminho é a democracia, esta deve ser radicalizada e aprofundada até suas últimas consequências. Novamente neste caso, não basta democratizar as ondas visíveis e superficiais da política; é preciso democratizar as correntes profundas, estruturais e subterrâneas da economia. Desde um ponto de vista evangélico, como separar “o joio do trigo”?

A esta altura, convém buscar uma luz na Palavra de Deus. Em semelhante iluminação, vale confrontar dois textos do Antigo Testamento: por uma parte, o chamado “credo histórico” do Povo de Israel (Dt 26, 5-10); de outra, o episódio da “sarça ardente” em que Moisés se encontra com Deus na montanha (Ex 3,7-14). Consistem, na verdade, em duas versões da mesma experiência de libertação. A versão do Livro do Deuteronômio, é mais elaborada, preparada para servir ao culto; a segunda, do Livro do êxodo, é mais primitiva e, portanto, vizinha aos acontecimentos relativos à fuga do Egito.

Tomemos em mãos a versão mais antiga. “Javé disse: ‘eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor contra seus opressores, e conheço os seus sofrimentos. Por isso desci para libertá-lo do poder dos egípcios e para fazê-lo subir dessa terra para uma terra fértil e espaçosa, terra onde corre leite e mel (...). O clamor dos filhos de Israel chegou até mim, e eu estou vendo a opressão com que os egípcios os atormentam (...). Eu te envio ao Faraó, para tirar do Egito o meu povo, os filhos de Israel’” (Ex 3,7-10). O grito dos excluídos chega até o Senhor, que se faz o Deus do êxodo, do caminho, do deserto, do exílio e da diáspora.

Temos cinco verbos, todos na primeira pessoa do singular, e todos colocados na voz do Senhor. Revelam a experiência religiosa e espiritual de um Deus extremamente atento à situação concreta da população cuja vida se encontra mais ameaçada. Javé toma partido pelos oprimidos, marginalizados e mais vulneráveis. No contexto histórico de profunda desigualdade social, a imparcialidade se revela injusta. Situações desiguais não podem ser tratadas de forma igualitária. O Senhor se coloca do lado dos mais frágeis, contra a opressão do Faraó. De fato, os cinco verbos – ver, ouvir, conhecer, descer e enviar – ao contrário das divindades dos reinos e impérios vizinhos, apontam para um Deus sensível e solidário diante de uma vida precária e em perigo.

Os três primeiros verbos – vi a aflição do meu povo, ouvi o seu clamor e conheço o seu sofrimento – fazem uma análise concreta da situação, ao mesmo tempo que descortinam um Deus de amor misericórdia frente à condição em que vive e se move a população escrava. Os dois verbos seguintes – desci para libertá-lo e eu te envio para tirar o povo do Egito – apontam para a ação em favor dos que gritam por socorro. Da mesma forma que no “método ver-julgar-agir”, a constatação da desigualdade e da injustiça é seguida pela iluminação da palavra, e esta, por sua vez, conduz a um compromisso de mudança, uma transformação social, econômica, política e cultural, segundo os princípios da ética que se originam das fontes mais variadas.

Outro texto do Novo Testamento pode também iluminar a celebração/resistência/luta por ocasião do aniversário dos 200 anos de independência, cientes de que esta última ainda está para ser

completada. “Jesus chamando-os disso: ‘Sabeis que os governantes das nações as dominam e os grandes as tiranizam. Entre vós não deverá ser assim. Ao contrário, aquele que quiser tornar-se grande entre vós seja aquele que serve; e o que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o vosso servo’” (Mt 20, 25-27).

O apelo é claro e contundente: entre vós não deverá ser assim! O que mais vimos nestes dois séculos, e desde a chegada dos europeus a estas terras, foi justamente dominação e tirania. Dois conceitos que levaram à cobiça, à depredação e à transferência das riquezas para os países centrais. Como lembra o escritor uruguaio Eduardo Galeano em *As veias abertas da América Latina*, neste subcontinente sul-americano, onde a riqueza foi mais abundante, mais pobres se tornaram seus povos. Daí o paradoxo de um Brasil rico, com uma população empobrecida. “Mendigos sentados em montanhas de ouro”, diria outro escritor latino-americano, o prêmio Nobel Miguel Ángel Asturias.

O grande desafio para a Semana da Pátria e para a Semana da Cidadania, neste 2022, no bicentenário da independência, consiste precisamente em tentar reverter essa situação de rapina e de saque histórico e estrutural. Nesse sentido, decolonializar exige uma dupla tarefa. De um lado, uma crescente autonomia político-cultural frente aos países centrais, em vista de resgatar os valores de nossa origem negra, branca e indígena; de outro lado, colocar as terras e as riquezas produzidas pelo trabalho de cada pessoa a serviço das necessidades básicas da população. Numa palavra, faz-se urgente que sejam os homens e mulheres, jovens e adolescentes, trabalhadores e trabalhadoras deste país a decidir o que produzir, como produzir e para quem produzir. Somente esse caminho poderá nos conduzir a um patriotismo ativo, consciente e libertador. Não basta assistir ao “jogo” comodamente sentados nas arquibancadas, é necessário entrar em campo e ditar as regras do projeto político e econômico para **O Brasil que queremos**.



eixos de trabalho

EIXO 01:

Apresenta-nos os duros processos históricos sobre as pertencas e permanências do colonialismo, neocolonialismo e do imperialismo e como o pensamento decolonial juntamente com a fraternidade e amizade social podem ajudar na superação das mazelas sociais.

EIXO 02:

Apresenta-nos as veias abertas da América Latina saqueada ao longo dos anos pelos países imperialistas. Recorda as organizações da esperança na luta por libertação através das CEBs, das PJs e de diversas organizações do povo de Deus.

EIXO 03:

Apresenta-nos o processo de dependência que o Brasil tem de países imperialistas, denuncia o crescente fascismo e a perda de direitos em nossa sociedade, aponta-nos que as Políticas Públicas e a participação cidadã são caminhos de libertação e transformação social

EIXO 04:

Apresenta-nos olhares de esperar. Pontuando e refletindo sobre que independência e que libertação nós buscamos? Que Páscoa (passagem) queremos fazer para alcançar a ressurreição de nosso Brasil?



FRATERNIDADE, AMIZADE SOCIAL E DECOLONIALIDADE: PROCESSOS HISTÓRICOS NA LUTA PELAS INDEPENDÊNCIAS

João Filipe Santos da Silva Xavier

Secretário Nacional da Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP)

A humanidade encontra-se em constante mudança e os avanços caminham cada vez mais em uma velocidade estrondosa. Tem quem afirmem que estamos vivendo melhor, que temos mais qualidade de vida e que podemos prolongar a nossa estada aqui na terra. E ainda que as novas tecnologias são responsáveis por essa potencialização da vida humana levando-a para o futuro. Paradoxalmente, nestes últimos tempos assistimos a numerosos episódios catastróficos na história que vão deixando feridas abertas e mal cicatrizadas: guerras; doenças; perseguições religiosas, políticas e culturais; crises econômicas; destruição do planeta e seus recursos; discriminações de gênero, raça, etnias e classe social; etc. Todas essas questões cada vez mais acirradas.

A perda da consciência histórica também nos faz retroceder enquanto seres humanos vivendo em um planeta doente e esvaziado de seus recursos. Hoje falamos em uma grande crise humanitária e ecológica. Se por um lado conseguimos resolver muitas questões apenas usando um aparelho celular, por outro não achamos uma saída para acabar com a fome mundial, para conter o aquecimento global ou resolver as questões dos refugiados e migrantes. Se as novas tecnologias são de fato o futuro, elas precisam estar a serviço do bem comum e na edificação do nosso planeta, para que possamos ter uma qualidade de vida em abundância, não apenas para um povo ou um grupo específico, mas para toda a humanidade. Precisamos navegar nos ensinamentos do Papa Francisco: viver a Alegria do Evangelho, cuidar da Casa Comum dentro de uma Ecologia Integral, realmar a economia, educar e ensinar a partir de uma Pacto Educativo Global e viver uma verdadeira Fraternidade e Amizade Social.

O Papa Francisco na Carta Encíclica Fratelli Tutti, apresentar elementos que podem fortalecer ainda mais a fraternidade entre os povos, mas também não deixa de denunciar onde estão as grandes problemáticas da humanidade.

““Abrir-se ao mundo” é uma expressão de que, hoje, se apropriaram a economia e as finanças. Refere-se exclusivamente à abertura aos interesses estrangeiros ou à liberdade dos poderes económicos para investir sem entraves nem complicações em todos os países. Os conflitos locais e o desinteresse pelo bem comum são instrumentalizados pela economia global para impor um modelo cultural único. Esta cultura unifica o mundo, mas divide as pessoas e as nações, porque “a sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos” (Bento XVI, Carta enc. Caritas in veritate (29 de junho de 2009), 19: AAS 101 (2009), 655.). Encontramo-nos mais sozinhos do que nunca neste mundo massificado, que privilegia os interesses individuais e debilita a dimensão comunitária da existência.” (Francisco, 2020. N.12)

A partir da fraternidade e amizade social associado com o cuidado da Casa Comum podemos construir uma civilização do amor, diminuindo as guerras e sanando as mazelas que aumentam e alimentam a crise humanitária e ecológica. Semeando esse projeto de sociedade as culturas, povos, religiões e pessoas podem dialogar mais, respeitando umas às outras e convivendo harmonicamente com o próprio planeta e os demais seres vivos que nele habitam.

Nesta vida ninguém consegue a salvação caminhando sozinho e muito menos degradando a Casa Comum. A Salvação é coletiva e passa também pelo cuidado com a Criação Divina. Em um simples devaneio, pudéssemos imaginar a fraternidade e amizade social ao longo da história deste o princípio da humanidade, talvez não haveria reinos invadindo outros reinos escravizando e comercializando pessoas humanas; culturas sendo exterminadas; continentes inteiros sendo oprimidos e colonizados; nações e povos sendo incorporadas à força por grandes impérios; democracias sendo derrubadas e dando lugares a terríveis ditaduras; e países forjando pretextos sem provas para invadir outros países com o objetivo de roubar seus recursos naturais, energéticos e tecnológicos. Infelizmente, não podemos voltar no tempo, mas podemos a partir de uma consciência histórica não repetir e propor novos caminhos para a humanidade e para o planeta

terra. É importante percebemos que os processos de Colonização e posteriormente Neocolonização com um Imperialismo cada vez mais faminto criaram grandes abismos entre nações e povos.

Dentro da história, o Colonialismo entre os séculos XVI e XVIII foi uma busca incessante por metais preciosos, mantendo o acúmulo de capital para deixar a balança comercial sempre favorável as metrópoles da época. Era o tempo do capitalismo comercial e mercantil. Neste contexto, aconteceram as grandes invasões aos continentes Africano, Asiático e Americano. Posteriormente, durante os séculos XIX e XX, estes mesmos invasores de outrora afirmando sua dominação política, econômica, cultura e social para sustentar a fome das suas máquinas por matéria-prima, ampliaram seus mercados consumidores com argumento falacioso de levar o progresso dos conhecimentos científicos e tecnológicos ao mundo. Era o tempo do Capitalismo Industrial e nascia assim o Neocolonialismo. Alguns invasores além de deter uma dominação política, econômica, cultura e social também detinham uma dominação territorial, chegando a anexar grandes territórios e até nações inteiras para si. É nesta perspectiva que surgiu o Imperialismo. Estes três conceitos nos ajudam a perceber que tais incursões só deixaram rastros de destruição e morte. Os invasores roubaram os recursos naturais, escravizaram os povos nativos e originários e destruíram a cultura e a crença daqueles povos. A quem goste de romantizar a história, mas não podemos negar que os processos coloniais, neocoloniais e imperialistas foram golpes violentos e sem escrúpulos, que, até hoje podemos sentir e perceber as feridas abertas.

Precisamos superar e cicatrizar as feridas. Com isso, é importante conhecer e estudar a nossa história para identificar o ferro que feriu e, sobretudo, a mão que manuseou o ferro, não com o intuito de propor uma vingança, mas com o objetivo de criar uma consciência histórica e crítica pelo qual não nos faça jamais repetir uma história marchada de sangue e de destruição. O processo de Decolonialidade nos ajuda a manter os olhos abertos e ao mesmo tempo expugnar das culturas, crenças e povos oprimidos os resquícios destes períodos de colonialismo, neocolonialismo e imperialismo.

Decolonizar é preciso! A decolonialidade é um caminho que busca resistir e desconstruir padrões, conceitos, visões e perspectivas que foram impostas aos povos invadidos durante décadas, fazendo um contraponto e crítica ao modelo capitalista. O pensamento decolonial ajudar a envivecer as culturas e povos marginalizados, a resgatar toda a sabedoria e ancestralidade, valorizando e dando autonomia para que possam viver em paz. Sendo assim, esse grande projeto de libertação social, político, cultural, econômico e ideológico. Também podemos observar essa desconstrução nas relações com a ecologia e meio ambiente, quando falamos em Sociedade do Bem Viver, uma sabedoria indígena que busca uma plena harmonia com a Casa Comum e todos seus habitantes. O modelo de consumo atual vai destruí o nosso planeta e não temos outro. Dessa forma, precisamos urgentemente criar uma consciência histórica e crítica, navegar nos ensinamentos do Papa Francisco, fazer um profundo processo de decolonização, construir uma Sociedade pautada no Bem Viver e incentivar a Agricultura Familiar e a Agroecologia.

Todo debate apresentado a cima, se materializara durante este ano em que o Brasil vai refletir sobre os 200 anos do golpe da independência, mito criado para afirmar o controle de um determinado grupo sobre o outro. A historiadora Lilia Schwarcz em uma entrevista no programa do Roda Vida, afirmou que “Nossa independência não foi revolucionária, tampouco romântica. Foi um golpe das elites em torno do imperador que garantiria não só o não desmembramento do Estado, mas, sobretudo, o sistema escravocrata.” (Entrevistas disponíveis no link https://www.youtube.com/watch?v=eU_BxcEuXro). A temática da Semana da Cidadania 2022 quer dialogar junto aos jovens sobre a retorica criada em torno do fantasioso processo de independência do Brasil e apresentar o processo libertador e transformador da decolonialidade.

Referências:

FRANCISCO, Papa. CARTA ENCÍCLICA FRATELLI TUTTI: sobre a fraternidade e a amizade social. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html#_ftn9. Acesso em: 24 de mar. 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Entrevista | Roda Viva | Lilia Schwarcz. Youtube, 07/09/2020. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=eU_BxcEuXro>. Acesso em: 24 de mar. 2022.

QUESTÕES GERADORAS

1º - Observando todos os ensinamentos do Papa Francisco e os avanços significativos que ele tem dado, como podemos difundir cada vez mais esse projeto humanitário e ecológico?

2º - Como o processo de decolonial pode ajudar na libertação dos povos frente aos modelos de opressão impostos dentro da sociedade atual?

3º - Em 2022, vamos refletir sobre os 200 anos da Independência do Brasil. Como analisamos esses dois séculos de (in)dependência? Para quem foi essa Independências?

INDICAÇÕES DE MÚSICAS



• Mão na Mão - Márcio Faraco
(Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=og0bqqMPFFw>)



• Samba da Utopia - Jonathan Silva
(Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KDXX7m3iBzc>)



• Apesar de vocês – Chico Buarque
(Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LZJ6QGSpVSk>)



• E vamos à luta – Gonzaguinha
(Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rZVAhpICuwc>)



PELAS VEIAS ABERTAS DE NOSSA AMÉRICA

Paula Grassi e Aldiceia Costa

*“Soy América Latina
Un pueblo sin piernas, pero que camina”*

Se alguém visitar algum palácio histórico governamental ou igreja com no mínimo 300 anos de algum país europeu, vai se deparar com altares, objetos, escultura, decoração arquitetônica feitas de ouro e/ou prata. Mas pra quê tanto ouro? De onde é esse ouro? As respostas são a história de roubo e exploração da América, também chamada de Abya Yala.

Os chamados “descobrimientos”, “conquistas” de 1492 (quando Cristovão Colombo chega à América Central) e de 1500 (quando Pedro Álvares Cabral chega à costa brasileira) foram invasões de países europeus dispostos a encontrar terras para exploração e enriquecimento. Ao chegarem aqui se depararam com uma infinidade de povos, afinal a população chegava a 60 milhões de pessoas. O choque cultural gerou julgamentos que se converteram em alegações para tratar de forma desumana os povos indígenas: europeus vincularam as formas de viver e celebrar divindades como pagãs e adoradoras ao diabo, assim era necessária uma missão de conversão cristã. A partir dessa suposição, foi dada licença para explorar, violentar e matar a população que aqui vivia. Uma exploração desenfreada de recursos naturais e destruição de muitas culturas e povos foi iniciada, dando origem ao atual sistema econômico que vivemos, o capitalismo.

Em algumas regiões como no Brasil, América Central e Sul dos Estados Unidos, além de explorarem a mão de obra de povos indígenas, traficou-se escravizados trazidos violentamente da África para trabalharem em fazendas de cana-de-açúcar e minas de metais preciosos, como o ouro. Diversos tipos de madeira, cacau, prata, diamantes, algodão, tabaco, borracha, café, foram também recursos saqueados e comercializados para enriquecer nações europeias através da força de trabalho escravizada de povos africanos e originários de Abya Yala.

Tamanha violência não destruiu a resistência dos povos colonizados já que muitas comunidades locais sobreviveram à perseguição. Ainda assim, estima-se que 95% da população originária foi morta e à medida que havia resistência anticolonial e anticapitalista, europeus intensificavam ainda mais o terror. Mulheres eram estupradas, havia torturas e assassinatos em praças públicas, proibições de cultos e celebrações dos povos, além do aparecimento de enfermidades e doenças desconhecidas que adoeciam rapidamente as pessoas.

Cabe mencionar que a exploração de Abya Yala não aconteceu somente durante o período colonial. Novas maneiras de saque e roubo de recursos naturais, bem como a destruição do tecido social, foram forjadas nos últimos dois séculos e continuam sendo recriadas. Florestas seguem sendo transformadas em desertos, montanhas esburacadas para a retirada de minerais, envenenamentos da terra e da água, assassinato de lideranças indígenas e camponesas. Quem mora nas cidades também sente, afinal, não temos acesso à alimentos saudáveis, comemos alimentos tomados por venenos; os empregos são cada vez mais precários e estamos vivendo apenas para pagar contas; alta nos valores de alimentos e de itens básicos, a vida está se tornando cada vez mais cara; presença de milícias controlando violentamente áreas urbanas; uma imensidão de barbaridades, frutos da injustiça social que segue: há poucos ganhando muito e há muitos que ganham pouco para assim enriquecer esses poucos que se tornam cada dia mais ricos. Ainda há reflexos de diversas marcas da colonização também nos índices de violência contra a mulher, contra a juventude negra e periférica. Todos esses e outros fatos são parte da herança deixada pela colonização.

Como forma de mais do que reparar essas marcas coloniais, escrever novas linhas, onde costumes neoliberais, exploradores não sejam o que movam a sociedade nem nossos sonhos, a Igreja Católica fez nas Conferências Episcopais de Medellín (1968) e Puebla (1979) a opção preferencial pelos jovens e pobres. As Comunidades Eclesiais de Base, as pastorais sociais, as pastorais da juventude e diversas organizações inspiradas pela opção

preferencial da igreja, seguem sendo sinal de uma possibilidade de um mundo mais justo, igualitário e possível para todas e todos.

Esses coletivos e organizações apontam para novos caminhos, buscam rever, ressignificar certos costumes e crenças que legitimam processos herdados da colonização exploratória, no apoio e na promoção de projetos e ações que oportunizem o conhecimento, o acesso a direitos, o fortalecimento da luta de pequenos grupos e comunidades, que vai dessa forma abrindo caminhos de esperança; São assim grandes aliados na reconstrução de uma sociedade livre.

Apesar de tantos cenários de morte em nosso continente, é necessário tecer os cenários de vida, não deixar desanimar a utopia. Um grande sopro de esperança ecoou recentemente com a primeira Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe, que aconteceu em novembro de 2021, com a participação de leigos e leigas de diversas dioceses de nosso continente.

É preciso acreditar na força das pequenas comunidades que se organizam, na potência sagrada da criatividade das juventudes, na importância da luta coletiva. Sobretudo, acreditar que nada pode deter a nossa esperança. Nenhum império, maldade ou ditadura, ela é inquieta, jamais submissa, ela passa sempre por cima e por baixo, escorre, floresce.

PERGUNTAS GERADORAS:

Começar ouvindo a música Latinoamérica (Canção de Calle 13), disponível em https://www.youtube.com/watch?v=zX_BMWuZq_I.

- Por que a história tratou a invasão de Abya Yala (América) como um descobrimento? Por que esse trato pacífico a uma história de violência e sangue?
- Quais as atuais formas de exploração e violência que acontecem em países latinos – americanos?
- Que sinais de esperança você/seu grupo enxergam no nosso continente?

DICAS DE FILMES E SÉRIES:

- Roma
- Diários de Motocicletas
- Tambien la lluvia
- Hernán
- No
- Maya e os 3 guerreiros

DICAS DE LIVROS:

- As veias abertas da América Latina – Eduardo Galeano
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4194484/mod_resource/content/1/As%20veias%20abertas%20da%20Am%C3%A9rica%20Latina.pdf
- Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina - Aníbal Quijano http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf
- Feminismos desde Abya Yala. Ideas y proposiciones de las mujeres de 607 pueblos en nuestra América - Francesca Gargallo Celentani <https://francescagargallo.wordpress.com/ensayos/librosdefg/feminismos-desde-abya-yala/>
- Por um feminismo afro-latino-americano – Lélia Gonzalez



O processo de (in)dependência do Brasil colonial

Ana Carolina Soares

O Brasil é um país de formação capitalista dependente. Isso significa que em detrimento de outras nações europeias desenvolvidas, foi vítima e não algoz do processo colonial. As consequências repercutem em todas as áreas que constituem a nação, desde a economia agroexportadora, à extração de recursos naturais. Sem contar a cultura dos povos originários, profundamente atacada, diminuída e desqualificada, em consideração a uma determinada cultura ocidental europeia, dita desenvolvida e civilizatória, que enunciada como projeto de progresso de país, apagou saberes milenares e ancestrais de tantas outras culturas humanas.

Em razão do longo e doloroso processo de colonização, as tensões e transformações sociais, marcados pelos valores patrimonialistas e liberais, configuram um Estado, em grande medida, distante dos anseios e das garantias mínimas de vida da população.

Na tortuosa república brasileira, é durante a ditadura militar brasileira (1964-1985), marcada pelo uso da força, da tortura e das perseguições a opositores, que se imperou a insegurança e o medo para muitos segmentos da sociedade. Apesar de toda censura, os movimentos sociais tiveram grande força.

Com a derrubada da ditadura no Brasil, foi possível abrir espaço para se pensar que tipo de democracia poderia ser construída no país, sendo importante destacar o movimento das Diretas Já!

Na década de 90, embora a Constituição Federal de 1988 garantisse diversos direitos ao povo brasileiro, o avanço neoliberal durante o governo do Presidente Fernando Collor de Mello passou a colocar em xeque os recém-conquistados direitos sociais. Assim, inaugura-se a conversão dos direitos em mercadorias, na qual o Estado vai ser muito mais regulador dos mercados, colocando a

vida humana como mero resultado da competitividade.

Em meio a um mundo de mercado, o sentimento de pertencimento à uma comunidade, ao movimento social ou a uma organização política vai se esvaindo, enfraquecendo, apesar de continuamente resistir.

O que acontece na década de 90 é um Estado reduzido para a garantia dos direitos sociais e ampliado para o processo de acumulação de capital, onde os direitos permaneceram na letra fria da Constituição, muito distante da vida real dos (as) brasileiros (as). O neoliberalismo desvirtua a lógica do Estado de Bem-Estar Social, desobrigando o Estado da vida dos próprios cidadãos. E qual seria o lugar dos movimentos sociais dentro dessa nova ordem societária global, onde a principal arma seria o Estado mínimo para garantir os direitos sociais?

O que podemos perceber que os movimentos sociais da década de 70, vale destacar o feminismo negro, se consolidam na década de 90, trazendo questionamentos e contribuições fundamentais para se pensar a luta trabalhista, exigindo que a luta contra o capitalismo, incorpore o enfrentamento do patriarcado, do racismo, ou seja, de todas as dominações impostas pelo colonialismo. Portanto, é preciso descolonizar os corpos, as mentes e a organização social.

Com isso é possível compreender, os movimentos sociais à medida que se diversificam, vão se encontrando na luta anticapitalista. Até então, apesar do destaque histórico aos movimentos operários, os (as) sujeitos(as) vão se encontrando nas lutas, advindos de trajetórias de vidas totalmente diferentes, mas com potencial de unirem forças na luta contra os diversos modelos de opressão. A cena contemporânea é diversa, os oprimidos exigem cada vez mais voz.

Os movimentos sociais permanecem vivos, mas muitas vezes, em razão de violências e opressão específicas sofridas por cada um (a) de nós, muitas vezes precisamos de tempo, de cuidados específicos para sarar as feridas. No entanto, ao estar em comunhão

e em comunidade, podemos criar a clareza para compreender os mecanismos de divisão, permitindo assim, interconectarmos as lutas.

O processo fragmentação das lutas sociais surge em decorrência do neoliberalismo, na incrível arte de tudo individualizar. Reforça-se a ideia de fortalecer a lógica do indivíduo. Logo, se este alguém está bem, esse alguém escapa por um minuto do tombo e todo o resto não mais importa, fazendo-o desprezar e culpabilizar o outro pelo seu próprio fracasso.

Portanto, o neoliberalismo vai legitimar as perdas de direitos. As ascensões dos governos de extrema-direita intensificam essa lógica. No entanto, não podemos ser levianos (as), pois muitos governos de centro-esquerda da região da América Latina flertaram com algumas políticas neoliberais, ainda que, tenham garantido diversos ganhos sociais importantes para a base da população.

O golpe que aconteceu em 2016 escancara as feridas enraizadas na estrutura da sociedade brasileira, de discriminação racial, sexista, LGBTfóbica, social e regional, fazendo ressurgir as práticas de vivências de ordem fascista, nazista, que vem se fortalecendo nesses últimos anos. Com a chegada ao poder de algumas figuras como o atual presidente da república que levantam o slogan O Brasil acima de tudo. Deus acima de todos. slogan esse que renova os princípios de um país que está vinculado à valorização patriarcal, ao patriotismo que beira a um desvio de interesse daquilo que de fato é de interesse coletivo da população.

“Brasil acima de tudo, Deus acima de todos!”, representa a violência do Estado sobre os indivíduos e a essencialização da religião como um único modo de vida. O que passa a existir agora é valorização de padrões morais cristãos, que desvirtuam inclusive o papel da espiritualidade na economia de salvação do mundo, de amor a todos. O princípio em que se defende estar vinculado a um padrão de família, que na verdade, no Brasil nunca foi dominante. Afinal, muitos de nós fomos cuidados e criados por avós, por tias,

por vizinhas, por pessoas de boa-fé, que zelam e honram pelos valores da vida humana.

E como lutar no meio de tudo isso, frente os projetos fascistas e de extrema-direita que estão em curso no país? É preciso voltar ao trabalho de base, retomar os princípios de uma educação popular libertadora, mas vale salientar que estamos dentro de uma estrutura global diferente de outras décadas e que se faz necessário reformular o dia a dia da comunhão.

Questões Geradoras:

- 1.** Diante do atual contexto quais são as luzes que podemos perceber na caminhada das nossas comunidades, que podem contribuir para mudanças políticas e sociais?
- 2.** Pensando neste contexto global que vivem a sociedade, que ações são possíveis para uma transformação nas práticas que envolve a educação, para uma educação mais comprometida com a transformação social, humana e solidaria?



Nosso Brasil: Esperançar é preciso, “libertas quae será tamen”

Edneide Elisbão, Diones Lopes e Josiel Alves

*“Saber esperar sabendo que o tempo não existe mais
Saber esperar, sabendo ao mesmo tempo forçar as horas daquela
urgência que não permite esperar.”*

(D. Pedro Casaldáliga)

No dia 07 de setembro deste ano o Brasil completa 200 anos de “independência”, porém como bem nos rememora o lema da 28ª edição do Grito dos Excluídos nesse ano, são “200 anos de (in)dependência, mas para quem?”. Embora se utilize o termo independência, é importante entendermos que ainda lutamos por libertação para que possamos superar o colonialismo que nos coloca como povos subalternos. Vários historiadores, como Caio Prado Júnior, apontam que há uma justificação do processo civilizatório e da modernidade eurocentrista. O próprio Caio Prado Jr. aponta que a estrutura social do Brasil Colônia e sua estrutura política eram contraditórios, entretanto o Estado burocrático poderoso, convivendo com o latifúndio que escraviza as pessoas negras em específico, como também dispensava a figura funcional real, onde a exploração era principal mão de obra barata para essa elite. São processos que ainda estão encarnados na sociedade brasileira, somos descendentes de indígenas, negros e brancos, e a elite ainda tem as mesmas linhagens e estão no comando. Neste sentido a história tende a se repetir até os tempos atuais, por isso a importância de romper essas estruturas sociais que estão massacrando nossos povos, com falsas esperanças de independência.

A miscigenação, por exemplo, que sempre é retratada como um transcurso ordeiro foi/é um processo de violência sexual para com as mulheres negras e indígenas; ou como também a exclusão de povos nativos e escravizados do processo histórico e da organização do trabalho. Nossa Pachamama (América Latina), assim como o Brasil, sempre foi saqueada para sustentar a economia dos países “desenvolvidos”, pois estes vivem em dependência e através do colonialismo estrutural realizam sua inserção na economia

capitalista periférica, ainda mais quando nossos representantes alimentam a concepção de subservientes criando assim consumidores e não cidadãos.

Assim como nosso passado, nosso cenário atual é aterrador. Em meio a crise da pandemia da Covid-19 enfrentamos graves problemas socioeconômicos, entre eles o aumento da fome. O Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia de Covid-19 no Brasil, desenvolvido pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN), divulgou no ano passado que 55,2% dos lares brasileiros vivenciavam um cenário de insegurança alimentar, números esses que vem crescendo. Outro dado alarmante é que nesse mês de fevereiro o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) registrou o menor número de jovens de 16 a 17 anos que tiraram seu título de eleitor em toda a história, com apenas 13,6% de adolescentes habilitados para obter o documento. Em fevereiro de 2018, o percentual era de 23,3%. Essa desafeição pelo processo eleitoral está atrelada a falta de esperança na mudança e o desinteresse em discutir e construir os rumos do nosso país, é importante salientar que quem não escolhe está sujeito a aceitar a escolha dos outros, inclusive as consequências.

Esse momento é muito oportuno para analisarmos o nosso passado, compreender o nosso presente e pensar e construir o nosso futuro de libertação. Não podemos resumir esse momento a meras comemorações de processos históricos, é fundamental que possamos entender o nosso passado e construir narrativas diferentes onde o povo tome as rédeas para consolidar assim uma sociedade justa e igualitária. Decolonializar é preciso, construir novos caminhos para resistir e desconstruir padrões.

A páscoa é um símbolo de ressurreição do Jovem Operário e Camponês Jesus de Nazaré e, para os cristãos principalmente, é momento de reacender nossa chama da esperança por um país liberto, sem nenhuma família que passe fome ou sem teto, temos que buscar a organização coletiva nas comunidades de base, associações e movimentos populares, pois esses são espaços que o Operário e Camponês de Nazaré está presente caminhando na luta e resistindo contra as opressões dadas pelo sistema que só massacra os pobres e injustiçados. Então que tenhamos a organização como base para

garantir o princípio de defesa da vida dos povos e a libertação do nosso país. Que nessa páscoa pensemos sobre que ressurreição queremos para o nosso Brasil e para nosso povo oprimido.

Como nos deixou como lição o saudoso Dom Pedro Casaldáliga é preciso audácia corajosa, prudência sábia e temperança. Uma sociedade sustentável é constituída quando se consegue articular uma cidadania ativa com instituições e organizações sólidas. São os cidadãos mobilizados, organizados e conscientes que (re) constroem uma sociedade justa e igualitária e liberta das amarras dos sanguessugas opressores. Por isso, nosso papel é sermos mensageiros da esperança e reacender a chama de liberdade de uma igreja em saída, pois está em nossas mãos a responsabilidade de lutar e construir novos horizontes.

INDICAÇÕES DE MATERIAIS

Poema-Fase Semi-Feudal/Severino Cordeiro de Sousa

(...) *“Libertas quae será tamem”*

Quem dissera, quem dissera,

A frase existe entre nós

Liberdade quem nos dera!

De que vale independência

Onde não há consciência

Moral nem patriotismo,

Onde o Direito se vende

A Lei covarde se rende

Aos pés do capitalismo. (...)

**Estrofe 11 de “Fase Semi-Feudal”,
Poeta Severino Cordeiro de Sousa (Bio de Crisanto)**



- Música: Procissão dos retirantes- Pedro Munhóz

<https://youtu.be/yyihhIni-o4>

- Canal TV Brasil - Documentários relacionados a temática.
Antes do Brasil, Cabo Frio, 1530 - Histórias do Brasil (1/10)
Colonização - Histórias do Brasil (2/10)

QUESTÕES GERADORAS

1. Como você percebe a liberdade na sociedade atual? Somos de fato um país independente?
2. Quais caminhos as juventudes têm que percorrer para construir um futuro sem desigualdade e de independência para nosso país?
3. Como organizar o povo para que sejamos uma igreja em saída?

Referências:

CARDOSO, Fernando Henrique. **Pensadores que inventaram o Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

PUENTE, Beatriz. **Número de adolescentes com título de eleitor em fevereiro é o menor já registrado**. CNN Brasil. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/numero-de-adolescentes-com-titulo-de-eleitor-em-fevereiro-e-o-menor-ja-registrado/>. Acesso em 28 de março de 2022.

Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (Rede PENSSAN). **Olhe para a fome. O desafio é de todos nós**. <http://olheparaafome.com.br/>. Acesso em 28 de março de 2022.

contatos

PASTORAL DA JUVENTUDE DO MEIO POPULAR – PJMP

Site: www.pjmp.org

E-mail: pjmpsecretaria@gmail.com

PASTORAL DA JUVENTUDE – PJ

Site: www.pj.org.br

E-mail: secretarianacional@pj.org.br

PASTORAL DA JUVENTUDE ESTUDANTIL – PJE

Site: www.pjebr.org

E-mail: pjebrasil@gmail.com

PASTORAL DA JUVENTUDE RURAL – PJR

Site: www.pjrbrasil.org

E-mail: secretariapjrbrasil@gmail.com

